



O COMUNISTA

ÓRGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Redacção e Administração
R. do Arco Marquês de Alegrete, 30, 2.º
Composição e Impressão
TRAV. DA AGUA DE FLOR 95

Redactor principal: M. Ferreira Quartel

EDITOR: JOAQUIM RODRIGUES

Publicação quinzenal
— PROPRIEDADE DO —
Grupo Editor do Comunista

EM PERÍODO DE ELEIÇÕES

FRENTE A FRENTE

Vamos entrar no período de eleições. Parece coisa indiferente a todos nós; e, todavia, não o é nem o pode ser.

Tem-se definido, cada vez mais acentuadamente, no seio da sociedade portuguesa — como em outros países — as duas correntes políticas sociais: *direitas e esquerdas*. Nos últimos meses eclodiram dois movimentos militares — e outro se mostra em preparação, segundo diariamente informam os jornais — com todas as características conservadoras, mais reaccionárias e liberticidas, tendentes a implantar uma ditadura que tudo leva a ferro e fogo sob as vistas... *ca rinhos* das forças vivas; ou seja a *violência armada* em defensora dos sordidos interesses dum perigosíssima *quadilha de malfetores* que suga as inergias dum povo inteiro.

Não tem estes movimentos militares conseguido o triunfo pleno pela atmosfera adversa que lhes tem sido criada pela alma popular sempre alerta e disposta a sangrar pelas liberdades conquistadas e pelas liberdades a conquistar. No entanto, se o triunfo não tem sido completo, se ainda se não instalou no poder a negrada ditadura ambicionada pelo *exercito* — ou por parte dele — pelas forças vivas e pela *egreja*, certo é que tem alguma coisa conseguido através dos governos Vitorino Guimarães e Antonio Maria da Silva, como possivelmente o estarão conseguindo através do actual governo presidido pelo... *equilibrista* sr. Domingos Pereira.

Ser-nos iam indiferentes as pessoas que tenham estado ou venham a estar à testa dos governos da Republica, se elas e os seus governos não fossem ou não venham a ser a expressão de conservatismos ou de tendencias retrógradas incompatíveis com a nossa época e de sucessivas e baixas transigências — ou convivências... — com os defensores e organizadores da ditadura da *tropa, clero e forças vivas*.

Assim, não podemos nem devemos alhear-nos da marcha dos factos e fenómenos políticos, sob pena de negarmos o nosso ideal e a nossa acção de revolucionarios. Se assim procedessemos, cometeriamos um grave crime contra nós, contra o operariado e contra o povo, de uma maneira geral, porque com a nossa indiferença, inação e alheamento outra coisa não faríamos que não fosse — uma obra de traição de que nos podiam e deviam vir a pedir severas contas.

Vamos, pois, entrar em período de eleições. E que vemos nós? Que presenciemos? A que assistimos? Ao facto que salientamos logo no início deste artigo: A acentuação, cada vez maior, de *direitas e esquerdas*, de *conservantismo* ou *retrocesso* e de *ascensão progressiva* ou de *acção transformadora*.

Ou mesmo tempo que na forja subterrânea continuam os conluios e as conspirações das forças vivas, do clero e da *tropa* para a organização da famigerada ditadura, como isso pode falhar mais uma vez, as mesmas forças e os politicos simpatisantes, coniventes ou subornados apressam-se para a luta nas urnas dispostos a fazer triunfar pelas eleições, pelo voto, pela *legalidade*... o que não tem conseguido, e porventura não conseguirão, uma luta de rua e com as armas na mão. Nesse sentido está sendo miserável e vergonhosa a obra de corrupção. A Companhia dos Tabacos, segundo é voz corrente, dispõe de um milhão de libras para essa obra de... *legalidade*. Outros potentados das forças vivas secundam com o seu oiro e com a sua influencia essa acção de vil suborno.

Perante tudo isto, em face deste triste espectáculo, na iminência de maiores tiranias, expolição e retrocessos, as esquerdas não podem ficar — salvo se se quiserem aniquilar, auto-destruir-se — silenciosas e inertes, assistindo de braços cruzados, criminosamente ao seu proprio Calvario. E nós, que estamos na *extrema esquerda* e a todo o transe devemos combater esse desgraçado estado social lutando por uma transformação basilar da sociedade, não podemos, também, ficar indiferentes ao que se passa e vai passar. Nem ficaremos! O nosso dever será combater em todos os campos, e consequentemente também nas urnas, os exploradores e agressores dum povo que bem sa bem que só a poder de oiro e corrupção é que podem ter quaisquer possibilidades de exito — bem precario e fugidio, por signal.

E o povo todo, e todo o operariado, e todos os que se afirmam revolucionarios e avançados, e todos os que não querem ser cada vez mais expoliados, oprimidos e escarnecidos pelas forças vivas e outros, não podem deixar de esta, conosco — sob pena de passarem por conscientes aliados ou por inconscientes instrumentos da — *Corrupção*.

OS BONZOS

Da mesma escola

Tem vindo, a Associação dos Caixeiros de Lisboa, realizando uma série de assembleias gerais, para proclamar o facto de não admissão, como seu delegado, a C. S. T. de Lisboa, do seu componente Dario Nova, que foi aceite por aquele organismo sob o pretexto de ser politico, isto é, de fazer parte de um organismo politico-jurista de freguesia.

Numa das ultimas assembleias, quando se discutia uma moção na qual se preconiza a suspensão de relações com a C. S. T., por virtude da descondição feita pelo desprezo da autonomia sindical, uma grande maioria da assembleia estava de acordo com essa resolução. Os *puros anarquistas*, depois de apagarem a luz, irromperam o seu belo lema: paz e amor, por tudo as cadeiras nas cabeças dos seus a lverarios conseguindo, assim, que a moção não fosse aprovada.

Também um dia destes se realizou uma assembleia geral, no Centro Al-

AOS COMUNISTAS FILIADOS

Ha algum, de certo com intuits reservados, que se compraz em levar a desorientação entre as massas partidárias, fazendo, de quando em vez, publicar na imprensa burguesa, locais e entrevistas que não correspondem à verdade.

Assim, de futuro, só deveis fazer juizo pelo que o *Comunista*, órgão do Partido, vos disser. O mais, tudo quanto na imprensa burguesa se disser, sem que seja da autoria da C. O., não pode ser tomado em consideração.

mirante Reis, para decidir acerca da irradiação dos sr. dr. José Domingos dos Santos, Cortez dos Santos e Tavares de Carvalho que os bonzos da direcção já tinham decidido.

A grande maioria de assembleia era contraria à irradiação daqueles senhores. Dahi, os bonzos daquele Centro sentindo-se em minoria, empregaram os mesmos argumentos que os outros bonzos já tinham empregado na assembleia geral dos caixeiros. Não admira, a escola foi a mesma.

TRABALHADORES:

A urna pela lista — comunista —

De toda a parte do país, nos chegam, diariamente, novos instantaneos para que o P. C. P. concorra ás próximas eleições, disputando-as, com a lista comunista, particularmente nos districtos de Beja, Evora, Santarem, Porto e outras terras importantes.

Não sabemos ainda em que circumstancias iremos á urna. Todavia, o Partido Comunista disputa-las ás eleições, nos circulos onde tenha algumas probabilidades, não de vencer, pelo menos de marcar uma posição e, além disso, aproveitar o momento para difundir os seus principios e mostrar ao povo quem melhor os poderá defender.

As forças vivas, as forças reaccionárias, estão empenhadas em que as futuras camaras sejam constituídas só por gente sua e, para isso — segundo a afirmação feita pelo sr. dr. José Domingos dos Santos — a Companhia dos Tabacos dispõe de um milhão de libras para distribuir por por todas as freguesias e fregueses...

O oiro, infiltra-se em toda a parte. Para conseguir os seus objectivos, as forças vivas, conseguem que a propaganda, em favor da sua nefasta causa, se faça por diversas formas, ainda as mais opostas... Operarios e camponeses: sabeis o que tem sido os diversos parlamentos que tem funcionado depois da implantação da Republica e, particularmente o que acaba de terminar por isso mesmo, vamos dar o palmar ao suplemento de «A Batalha» de 13 de Fevereiro desta ano:

«Este espectáculo vergenhoso que se patenteia ante os olhos do povo deve merecer aos leitores portugueses um pouco de attenção. Os que votaram, os que levaram ao parlamento com os seus votos sinceros os de deputados que acabam de trair dama na neira miseravel a causa dos explorados, devem compreender agora que foram logrados.

Estamos bem perto das novas eleições; os que concordam com o voto vão votar novamente. Nunca como neste momento esse acto acarretou tantas responsabilidades para quem o pratica. Reincidir no erro de guindar ao parlamento individuos sem moral que ali vão apenas tratar dos seus negocios particulares ou fazer o jogo dos exploradores é cometer um crime contra o povo. É arranjar corda para enforcar os eleitores e os não eleitores.

Dirigimo-nos apenas aos que, convencidos que devam exercer o voto, não o fazem por mero capricio, mas por convicção sincera. A esses, aos eleitores, recomendamos o maximo cuidado na escolha dos seus candidatos. Votar naqueles que no parlamento veem fazendo uma campanha ignobil a favor das forças vivas é afundar o país no mais profundo abismo. Os eleitores, os que tem na mão a sorte do parlamento, devem mudar por completo a face da chamada representação nacional.

Basta de Antonio Maria da Silva, de Cunha Leal, de Vasco Borges e doutros cavalheiros de industria que se servem daquele posto onde o povo eleitor se levou para guerrar o povo, para provar com os seus actos e as suas palavras insultuosas que a força publica dava espingardar o povo.

Basta de reaccionarios e delegados dos Bancos no parlamento! Tudo aquilo tem de mudar. E muda-o quem tem na mão meios de fazer-lo — o povo eleitor.

Querem votar? Pois bem: não votem nos reaccionarios, não votem nos representantes dos ladrões, não votem nas forças vivas.

Querem votar? Insistem em exercer esse acto publico? Votem de preferencia nos grupos partidarios mais avançados, escolham gente mais limpa, que não se coloque abertamente ao lado dos exploradores contra os explorados. Remodelem o parlamento, limpem aquele antro!

De contrario, serão os culpados da consolidação deste regime de negociatões — o que não são eleitores, os ilhtrados, as mulheres e as crianças terão pesadas contas a ajustar, graves responsabilidades a exigir-lhes.

Tudo, menos aquilo que está ali em São Bento!

O "ABC" DO MARXISMO

ECONOMICO

II

Circulação do Capital. — Acumulação — A's crises. — Origem do Monopólio

O produtor de mercadorias não as produz por serem valores de uso. O seu unico fim é produzir valores por troca.

Toda a sua preocupação é produzir mercadorias para vender a fim de obter o dinheiro assim realizado comprar nova força de trabalho e mais materias primas e empregá-las na produção de novas mercadorias para tornar a vender. A circulação do capital é a condição primordial para a acumulação.

Suponhamos um capitalista dispondo de 2.000 contos: sejam 1.000 contos o valor dos edificios e maquinas, mais uma certa soma destinada a pagar os estragos produzidos pelo funcionamento dos maquinismos e as reparações nos edificios.

«E o capital constante. Os outros 1000 contos serão destinados á compra de materias primas e força de trabalho.

«E o capital variavel. A força de trabalho aplicada ás materias primas produz valores de troca, mercadorias, que são vendidas por 1.500 contos.

(Estes numerus são evidentemente arbitrários, servindo apenas para dar uma idea de circulação e acumulação do Capital).

Uma vez vendidas as mercadorias o capitalismo está apto a comprar 1.500 de materias primas e força de trabalho e a empregá-las na produção de novos valores de troca que serão vendidas por 2.250 contos. Assim o próprio jogo de circulação do Capital facultando ao empresário industrial a possibilidade de se apropriar de uma quantidade sempre crescente de trabalho não pago, promove a acumulação capitalista. Se o aumento incessante do Capital variavel não tivesse limites naturais, esse aumento favoreceria aparentemente o operário com uma alta de salário. De facto, com o aumento de capital variavel, o empresário industrial, fica habilitado a adquirir mais maquinismos, a comprar mais materias primas e força de trabalho, isto é, a empregar mais operários. De forma que, pelas leis da oferta e da procura, supondo que o numero de operários não aumentava, o preço da sua força de trabalho, o salário, aumentaria.

E a e pmsamento sintetizado pelo grande construtor de automoveis Ford:

« Quero pagar aos meus operários deforma que eles possam ser os compradores dos meus automoveis.

Na realidade as coisas não se passam assim.

A produção não pode aumentar indefinidamente, pois o mercado, a certa altura, não pode comportar mais productos que assim se acumulam sem ter venda. Temos, então, a crise, e os operarios são atirados para a rua e passam fome porque se produziu de mais. Por outro lado, se a procura de braços aumenta, estes também são cada vez em maior numero.

O proletario reproduz-se com grande facilidade e os seus filhos vão aumentando em progresso crescente o exercito do trabalho.

O uso de maquinismos cada vez mais aperfeiçoados, permite o emprego de mulheres e crianças, nas fabricas, aumentando, portanto, a oferta de braços.

A cooperação, a manufatura, o maquinaria, aumentando a produtividade do trabalho, permitem a certos industriais privilegiados, dispoendo de mais capital, a produção de artigos mais baratos do que os produzidos pelos pequenos industriais e pelos trabalhadores isolados. A concorrência entre uns e outros arrasta fatalmente á ruína destes ultimos, que, proletariano do se vão aumidar a oferta da força de trabalho.

A acumulação de capital, que aparentemente dá uma alta do salario, vem afinal a dar, pelo aumento do grande exercito proletario, a baixa dos salarios.

A livre concorrência que á primeira vista deverá regularizar a produção, garantindo a todos o pão de cada dia, afinal provoca, pela proletariano dos pequenos produtores a formação do Monopólio.

A. Miranda

Caça ás gralhas

O artigo anterior vindo em certos pontos de tpe modo deformado, que a sua leitura se tornava por vezes impossivel.

Assim: na 2.ª columna, linha 14 onde se lê o produtor leia se possuidor.

A linha 27 deve ler se: Deconstrução, o comprador ou o vendedor ficará lesado. O lavrador que lança no mercado...

A linha 59, leia-se: De facto, o valor do producto do trabalho diario é superior ao valor da força de trabalho.

A. M.

A' classe rural

Camaradas! As teses que a C. A. da Federação Rural, pretendem levar ao vosso Congresso Corporativo, publicados ultimamente em «A Batalha», são verdadeiras monstruosidades!

Nessas teses, que bem malles são dois artigos politicos, nem sequer, se de leve que seja, se trata dos vossos angrados interesses. Tem por fim, abusando de vossa ingenuidade, levar á divisão as massas camponesas e perpetuar a vossa eterna escravidão!

Camaradas rurais! Os anarquistas ao elaborarem essas teses nada mais fazem do que abusar de vos-

A questão sindical

proximo Congresso Operario

A todos os camaradas recomendamos a leitura deste folheto pela oportunidade do assunto tratado.

Não se pode, ver as causas de orise sindicalista e as soluções que urge aplicar.

O seu preço é de 60 centavos e os pedidos devem ser feitos a Ferreira Godinho, rua do Arco do Marquês de Alegrete, 30, 2.ª — Lisboa.

se ignorancia e da vossa sinceridade!

Repudial tal afronta! A burguezia, deve a estas horas bater as palmas de contentes,

Nós e a C. G. T.

Pondo os pontos nos i

Sob o título mirabolante **A organização operária defensora de um tempo companha dos seus destrutores**, da autoria de sr. Manuel Joaquim de Sousa — por muito que se escondia não consegue iludir ninguém — publicado em «A Batalha», e, em cujo arrastado, aquele senhor pretende, — além de denegrir, difamar e caluniar alguns dos indivíduos que tem dado o melhor do seu esforço e da sua inteligência em prol da organização operária, — fazer crer a quem o lê, que os nossos ataques são dirigidos à Organização Operária, à C. G. T.

Para demonstrar que assim é, principia por dizer: «campanha miserável essa que se vem desenrolando em torno da Confederação Geral do Trabalho... etc.», tendente a ferir-nos — a ferir a obra da Confederação Geral do Trabalho!!!

O **Comunista**, órgão do P. C. P., **A Internacional**, órgão da I. S. V. e os jornais corporativos **O Eco do Arsenal**, **O Arsenalista** e **O Marítimo**, não pretendem «ferir a obra da C. G. T.» o que pretendem é desmascarar a acção nefasta de certos indivíduos desses «que a massa se colheu pelos» seus... (?!?) dotes de inteligência, pela sua... comprovada isenção, não consentindo com essa acção, que as massas trabalhadoras avancem à conquista de novas formulas e melhorias económicas de carácter imediato, como há pouco sucedeu com a questão dos foros — não deixando por isso, de lhes «arrebentar a castanha na boca».

Estes jornais, tem-se limitado a criticar o acto imoral e inadmissível de, à custa das colizações do operariado organizado, se anular, muito inteligentemente, a passar o patiz, não a organizar os trabalhadores sindicalmente, visto que está tudo desorganizado, mas sim a organizar grupelhos anarquistas, levando-se nisto meses consecutivos. O Sr. M. J. de Sousa não é a C. G. T.

Estes jornais tem escarpalado e hão-de continuar a fazê-lo — a intolerância dos dirigentes da C. G. T., que querem submeter tudo e todos ao seu credo politico, não consentindo, aos seus adversários de tendência, que exponham os seus pontos de vista no sentido de melhor servir a causa operária.

A nossa situação é bastante clara, nunca vivemos nem nos acomodamos a «situações equivocas». Ganhamos o pão sem ter que corar do mister que exercemos, afirmação esta que talvez a não possa fazer quem tal insinuação fez.

A C. G. T., os organismos que a compõem, merecem-nos toda a consideração todo o carinho para que a possamos combater. O que combatemos é acção ali exercida pelo sr. Manoel Joaquim de Sousa e por todos os outros *Sousas* que querem fazer da Central dos Sindicatos uma secção da União Anarquista. O que é um caso diverso.

O sr. M. J. Sousa, não é a C. G. T. — a não ser que se queira imitar como em 1913 quando se atacava o sr. Alfonso Costa. — a imprensa sua afecta, que em unisono e em altos brados delirava que os operários atacavam a Pátria e a Republica!

Para o sr. M. J. Sousa quem deixou de ser anarquista — nunca o fomos — deixou de ser camarada de os Ex.º e verdadeiro revolucionário! Simplemente imbecil!!!

A questão rural, damos o que sabemos e o que podemos em benefício dessa pobre classe, que vive numa situação miserável, pois que, para a classe rural, não existem sequer os verelgios das modernas conquistas do progresso, vivem num straso assombroso em relação á população das cidades, desconhecendo as mais apagadas comodidades da vida, para ela não existe de facto as possibilidades de instrução, para ela não existe a minima parcela de conforto de higiene. Ao contrário do que fazem os anarquistas.

Procuramos dentro das possibilidades que nos dá esta sociedade que pretendemos derruir e transformar, — o que só será um facto quando a classe operária e camponesa tomar conta do poder politico, — conquistar, para a classe rural, a terra que seja por parcelas entregues ás famílias dos camponeses, quer ela seja entregue aos sindicatos rurais. Isso não nos preocupa. — Ao contrário do que fazem os anarquistas, que atacam

O espirito d'abnegação de Lenine

Como ele contrasta com o de alguns camaradas portugueses!

Quando os bolchevistas tomaram o poder em Outubro de 1917, adoptaram uma serie de medidas de inspiração comunista, entre outras a igualdade dos salarios para todos os operários, empregados no commercio, funcionarios do Estado, etc. Mas a baixa rapida do rublo sovietico obrigava a constantes aumentos da tabela.

A carta que segue, confirmando inteiramente a realidade e o espirito de sacrificio e de abnegação comprovados de que toda a vida de Lenine era cheia, mostra melhor do que tudo, que Lenine, apesar das suas origens burguesas e da sua formação intelectual, foi um verdadeiro chefe operario, conhecendo a miseria, as necessidades e as aspirações do proletariado.

Eis o que elle escreveu alguns dias depois de ter feito elevar os salarios dos 2000 funcionarios e commissarios até 2000 rublos por mês. Esta carta foi dirigida ao secretario do Conselho dos Commissarios N. P. Gorbouuov, de sua propria autoridade, tinha aumentado o salario de Lenine. Eis a carta:

Ao Secretario do Conselho dos Commissarios, camarada N. P. Gorbouuov

A minha questão urgente sobre as causas do aumento do meu salario de 5000 para 8000 rublos, a partir do 1º de Março de 1918, tem continuado sem resposta.

Tenho em atenção que este aumento constitui uma ilegalidade evidente, por que vós e o Administrador do Conselho dos Commissarios, o camarada V. D. Bouch-Brouiditch, agistes da vossa propria iniciativa e passateis, além da outros, por cima do decreto de 23 de Novembro de 1917. Por isso eu vos dirijo uma censura das mais severas.

V. Oulianov Lenine

Todos aqueles que conhecem e privaram com Lenine reconhecerão logo todo o inteiro nesta carta. Ele puz a mão longe a abnegação da sua pessoa que as mais duras privações não o infortunavam verdadeiramente senão no momento em que elas anegavam entrar a tarefa que elle se tinha imposto.

A. B. J. CARLOS RATOS

A Russia dos Sovietes

Preço 5000 A' venda em todas as livrarias.

furiosamente essa tendencia dos trabalhadores da terra insultando os de burgueses e outros epitetos de precativos».

Haja em vista a tese de cunho puramente anarquista publicada n' «A Batalha» de 21 e que a Federação rural, vai levar ao proximo Congresso rural.

Tese classificada de interessante, quando não passa duma simples *tréla*!

Não é nada honesto que se esteja a brincar com a mentalidade dos camponeses. Os padres, tambem prometem aos povos incultos, a vida eterna, depois da morte, para melhor os explorar. Os camponeses, pretendem medidas de realisação imediata, não vivem de utopias nem de teorias balólas.

Procuramos dar desinteressadamente, á causa dos camponeses, todo o nosso esforço toda a nossa intelligencia, bem pouca allia, para lhe melhorar a sua sorte e defende los nos seus interesses, como acaba de suceder com a lei 1645, pois que, como resultado da conferencia camponesa já conseguimos — a suspensão das disposições daquela lei, que mais os affectava.

Os comunistas pretendem ir ao parlamento e porisso vão disputar as proximas eleições. O sr. M. J. Sousa não ambiciona ser parlamentar. Todavia, o sr. Manuel Joaquim de Sousa, muito anarquicamente, ambiciona o lugar de secretario geral, para cuja conquista, neste ultimos tempos tem empregado toda a sua actividade com manobra em demaziado conhecidas.

É claro que, para nos responder, lá está o art.º 18.º do estatuto confederal. . .

A Bandeira Vermelha

Com este titulo principiou a sua publicação, em a Capital do Norte, um quinzenario de propaganda comunista e que se destina a difundir os principios Leninistas.

Não tem o P. C. P., nenhuma interferencia na sua orientação, por ser simplesmente da iniciativa dum grupo de camaradas comunistas, uns, e simpatizantes outros, de cuja iniciativa só os temos a louvar, desde que não saiam dos fins a que se propozeram.

Transcrevemos de «A Bandeira Vermelha» o artigo onde se define a sua orientação:

E' com os olhos fitos na Revolução Russa que nos propomos orientar a «Bandeira Vermelha».

E' de alma e coração com a grande obra de Lenine que nos propomos proclamar a burguesia do ocidente europeu que chegou o momento de entrar em penitencia. O Sol produzido pelo brilho do ouro está no occaso para dar lugar a outro Sol — o Sol da Liberdade — que refúge ao longe, nos vastos dominios do Oriente, onde toda a Humanidade já aquece e evanesce as chagas que a tirania burguesa lhe fez ao pso de preconceitos estupidos e das falsas concepções de democracia.

E', pois, com todas as facilidades da vida que vamos orientar a «Bandeira Vermelha», de maneira que ela não seja apenas um rotulo encarnado servindo de alcoo ao escarnio capitalista, mas tambem um eco de revolta que se possa traduzir bem na alma proletaria — um eco de revolta capaz de levantar em piramide as pedras da rua para as deixar demurronar em seguida sobre a ambigão dos homens a quem a Humanidade só deve um conceito: eu, eu, a mais eu!

Somos pelos Sovietes.

Somos pela dictadura do proletariado.

Somos por tudo que defenda a liberdade do Mundo trabalhador, contra os tentaculos ds inquisição, contra a hydrobia imperialista.

Somos pela liberdade dos povos.

Queremos que todos as raças e todas as nacionalidades proclamem o direito de independencia, atirando para longe a albarda das velhas convenções, pódre de tradicionalismo, fétida, onde uma respeitavel sucia de malandros tem cavalgando os direitos humanos.

Pela civilização nova)

Pelos Sovietes!

Daqui saudamos «A Bandeira Vermelha» desejando-lhe longa vida, aconselhando a todos os trabalhadores, que pretendem fugir ás teias das velhas e sedicas formulas, a prestar lhe todo o seu carinho todo a seu amparo.

Podem-nos a publicação da seguinte carta que publicamos na integra:

«Camarada Redactor do Jornal O Comunista:

Em A Batalha, de 5-8 1923, li uma local assinada por J. N. Madeira, em que se fazia consideração ao procedimento do meu Sindicato para com a Federação Ferroviaria, á qual é aderente e que não estavam em agreementa com a verdade, talvez por este camaráda não conhecer o assunto de perto.

Pela comissão administrativa do Sindicato fui informado que, o signatario dessa local, tinha sido convidado, por intermedio do mesmo jornal, a comparecer na sede do mesmo Sindicato onde podia ser o assunto esclarecido. Porém, A Batalha, recusou-se a publicar o convite, nem mesmo como associo pago o fez, deixando, assim, o meu Sindicato, em desfeita.

Esperando que nessa carta haja mais lealdade, pedis a v. a publicação desta pobre carta que é a expressão do meu sentir.

Saudações Fraternalis do vosso camarada.

Mario Rafael Grupos — Socio n.º 2174 do Sindicato do Pessoal dos Caminhos do Ferro Portuguezes.

Lisboa, 12-5-1923

N. R. — Per informações particulares, sabemos que o sr. Arranha, anti-ditador, tem por habito meter na algibeira, muito ditatorialmente toda a correspondencia que possa conteder com a pureza dos santos purinhos lá da grei.

O Comunista

Vende-se na tabacaria da Brasileira do Rocio, e no biqueiro Sanchez, praça dos Restauradores.

Outra tactica! Outra tactica!...

Se é certo que as organizações valem o que valem os seus dirigentes, tambem não é menos verdade que estes valem pelas organizações que representam, dirigem ou orientam.

Quando á frente de uma determinada organização operária, ainda a mais insignificante pela natureza da industria que representa, se encontram uma ou mais capacidades dirigentes, essa organização, apesar mesmo, da sua frequencia numerica, brilha como um sol, devido á acção que manifesta. Mas, pelo contrario, se á frente de uma organização, ainda a mais imaginavelmente numerosa, se encontram verdadeiras incompetencias, essa organização vai, pouco a pouco, perdendo o brilho que, porventura, chegou a adquirir, até que, por falta de energia, perde toda a sua acção. Isto é incontestavel.

E' por isso que os trabalhadores devem sempre ter o máximo escrupulo na escolha dos seus orientadores, dos dirigentes das suas organizações. E' verdade que as incompetencias ou incompetencias só se manifestam quando postas á prova. Mas, quando a incompetencia é manifesta, a massa tem o direito, e até mesmo o dever, de pôr de parte esses individuos, pondo á prova outros camaradas, pois nisso só tem a lucrar. A massa das organizações operárias, não se dá sempre por acceitadas, mais pela simpatia pessoal e pelas palavras doces dos seus oradores do que pelas obras demonstradas por estes, em seu beneficio — quasi sempre os melhores oradores, ou os mais simpáticos, são os piores organizadores, os piores dirigentes, os piores administradores.

As organizações central e locais do operariado portuguez não tem falta de orientadores, quer pela palavra, quer pela pena. Não se pode dizer que elles tenham a mão de ferro, mas os seus effectivos á sua acção diminuem constantemente, com uma velocidade vertiginosa. Porquê, pois, se dá esse fenómeno? E' que a maior parte dos seus dirigentes não sentem o interesse das massas, mas a «magn» dos seus interesses individuais; arvoram-se em mentores daquellas, com o fim de delas viverem. Depois, quando conseguem os seus fins, alijam-se de tal forma nos seus organismos, como certos crustaceos no mar, que são de difficil desalojamento sem quebra das locas onde se encontram.

E' isto que succede, agora, na C. G. T. portugueza. Cada um tal bando de abuzes, que só quando o seu cadaver estiver completamente descarnado se resolvem a largar-lo.

Os organismos da provincia não podem ter na Central os seus delegados directos, e dá a necessidade de os ter indirectos; mas não sempre estes indirectos tem a mesma respectiva industria (1), desconhecem as organizações que representam e estas aquelles, que foram indicados por outros — que, muitas vezes, tambem desconhecem — para as representar.

Este caso dá-se, actualmente, na C. G. T. onde se formou um tal bando de abuzes, de interesses — ideologicos, que nem a tiro estão dispostos a largar a presa.

Como nós lhe conhecemos a intenção e os espontaneos ás massas proletarias, como seus verdadeiros sugadores, vá de inventar-nos, quer na tribuna, quer no jornal, — que «de nós todos, mas que está, unica e simplesmente, á sua ordem. Este não só tem servido para uma inmensidade de candidatos ao jornalismo burguez, como para nele lançarem toda a imundicie, todo o veneno de que são possuidos, contra os que os não deixam, sem o seu reparo, tripudiar a vontade sobre a massa ignorante do proletariado.

Vida partidaria

Célula de S. Matias — Reunião, no dia 16 do corrente, a Comissão Administrativa, que apreciou as contas da gerencia dos meses de Junho e Julho e resolveu instalar-se em sede propria, bem como realizar, na medida do possivel, sessões de propaganda comunista.

Foram apresentadas duas propostas para novos socios, que serão submetidas á C. C., dos camaradas Fortunato Costa, trabalhador rural, e Joaquim Pelida, pequeno proprietario.

Tambem se apreciou o incommensuravel aumento, que ultimamente têm feito, nas rendas das casas, os respectivos senhorios, resolvendo-se apoiar qualquer «demarche» contra esse desmando.

E' devesa animador, o entusiasmo sempre crescente, pela forma como a classe trabalhadora — operários e camponeses — correspondem ao momento que passa, dando a sua adesão ao Partido Comunista Portuguez.

Em todo o país se estão constituindo Células do Partido num verdadeiro entusiasmo, mormente no Alentejo e Extremadura. E' preciso, porém, que esse entusiasmo não emorece, que as Federações Regionais procurem, cada vez mais, desenvolver o seu role de acção, constituindo novas Células e dando uma vida intensa ás existentes.

Conveni, e por isso a C. C. pede á todas as Células que o façam, que cada Célula cavis todos os meses um pe-

Ultimamente, «A Batalha» tem vindo pela pena dum «espetador» do jornalismo lapeando contra os comunistas e simpatizantes da C. G. T., que não vem morando e inobediendo, que só a distância que nos separa da sua cloaca não deixa sermos salpicados por ella. Tambem um «ser» microscopico, com o mesmo jornal escreve, em acumulação com o que fabrica noutros jornais burguezes, mas escondendo-se sempre por detrás da redacção, nos vem morando e inobediendo, que só a distância que nos separa da sua cloaca não deixa sermos salpicados por ella. Tambem um «ser» microscopico, com o mesmo jornal escreve, em acumulação com o que fabrica noutros jornais burguezes, mas escondendo-se sempre por detrás da redacção, nos vem morando e inobediendo, que só a distância que nos separa da sua cloaca não deixa sermos salpicados por ella.

Quando fies desaperceberem todo o veneno da que escreviamos, não vos esqueçam, si mesmos. Os seus processos baixos de agir caem-nos no joelho e provocam-nos o riso, ao mesmo tempo, por vemos a sua fraquez d'argumentação.

Toda a gente que de boa-fé nos lê sabe que os comunistas nunca atacaram a C. G. T., mas a sua existência, ou os seus sub-organismos, mas sim a «troupe» de «Sousas», que, quando todo pelo mesmo dispaño, está levando, na sua marcha fúebre, a C. G. T. á cová.

Somos proletario e lutador pela causa do proletariado; por ella estamos dispostos a morrer e a morrer, e não podemos ser proletariado está sendo tão trappamente enganado por alguns daqueles que fies julga ainda seus defensores.

A maioria dos dirigentes da C. G. T., vendo diminuir o effectivo dos seus contribuintes, e ao não poderem fazer nada ás causas do mal que, em grande parte, reside neles mesmos, procura valer-se, para manter a sua existência, do aumento da coização. Mas caminho esse. O contrario é que deveria ser. Mas, diminuindo a «taxa das contribuições», ao mesmo tempo, o numero de contribuintes diminui e a taxa que alimenta muitos dos «desinteressados servitores da organização operaia.

Somos pela unidade do proletariado mundial, porque sabemos que só unido fies que se poderá passar de escravo a senhor dos que hoje o escravizam. Só nos resta sempre pregado a pregarermos, até o conseguir. Assim, lamentamos, igualmente, a saída da Central dos organismos que ultimamente o fizeram, se bem que saibamos tratar-se, apenas, de uma suspensão temporaria de relações, largamente justificada.

Mas caso esses organismos convencidos de que o bom-senso penetrar nos individuos que se assenhoraram da C. G. T., levando-os a restabelecer ali a harmonia de todas as correntes ideologicas do proletariado, completamente indispensavel para o engrandecimento da C. G. T. e da sua aliança só se dará por vencidos quando, por completa falta de alimento, estes organismos não possam, de todo, funcionar.

Éra no seu terreno que nós poderíamos, melhor, combater os seus dirigentes. Saído das suas fileiras, só nos resta organizar o exército do trabalho, com o seu respectivo quartel-general, e, então assim, com a força dos numeros do nosso lado e a excelencia da nossa tactica, facil nos será vencer aqueles que nos vêm movendo uma guerra de morte, e, assim, liberar o proletariado de tão prejudiciais servitores e tiranos.

A sua raiva vai aumentando á medida que vão perdendo terreno, mas isto só nos diverte.

Outra tactica!... Outra tactica!...

Joaquim Rodrigues

Socorro Vermelho

A Comissão Central do Socorro Vermelho convida os presos, perseguidos ou suas familias a comunicarem para a Galpoda da Graça, 12, 1.º, as suas moradas, prisaes onde se encontram e motivos porque estão presos ou perseguidos, a fim de poderem ser socorridos.

A. C. G. de S. V.

quando relato da vida e acção expandida por estes organismos.

Seria tambem interessante, não só para efectos de estatisticas, como para interessar na vida do nosso jornal o maior numero de camaradas, em todo o país, e particularmente dos camponeses, se os camaradas das células ou simpatizantes, nos informassem de todo quanto dissem respeito aos trabalhadores.

Assim, mais uma vez apelamos para os camaradas comunistas ou simpatizantes, para nos enviarem todos os 15 dias um pequeno relato da vida local no que diga respeito á alimentação dos operários e trabalhadores dos campos; dos generosos trigo, milho, feijão, arroz, batatas, etc.; salarios; ou serviços da época. Enfim, tudo quanto possa interessar á vida dos trabalhadores.

A Comissão Central



ATRAVEZ DOS TEMPOS

A Talho de foice... No país da Lua A Frota vermelha

no mar Báltico

A classe rural portuguesa

CAMARADAS:

Foi em 1911 que se fundaram em Portugal as primeiras associações de trabalhadores rurais. Em 1912 foi fundada a Federação de Indústria ou seja a Federação Rural, que tomou a direcção e orientação da maioria dos sindicatos. Em face da grande quantidade de associações e do formidável número de associados tudo levava a crer que os melhoramentos nesta desprotegida classe iam ser um facto.

Mas, passado algum tempo, verificou-se o contrario. Apenas no mesmo ano e em virtude de uma greve geral levada a efeito, no sentido de melhorar a situação da classe, se conseguiram alguma coisa, tendo, com o correr dos tempos, desaparecido quasi tudo, existindo hoje uma parte insignificante do que então se conquistou.

Porque terá assim sucedido? A Federação dirigida a C. G. T. a meio duzia de políticos anarco-sindicalistas, apesar de gritarem e todos os quatro ventos contra todas as ditaduras e governos, têm sido uns verdadeiros ditadores e têm mandado em não muito mais que os governos da burguesia, têm querido fazer de nós como o pastor de um rebanho, não querendo que demos um passo sem indicação da parte deles e, infelizmente, nenhuma coisa têm conseguido. E tanto assim é que, quando nalgumas associações tem aparecido a humana ideia de se criarem as caixas de socorro para amparo dos socios na doença, correm logo a meter-se onde não são chamados, mas gritando alto: Isso é contra os principios anarquistas! A associação não deve ter fundos e muito dinheiro lá dentro faz mal, mas para eles o levarem já não faz mal. E são parvos não que não têm querido nem querem que se façam reclamações aos governos — estamos numa situação muito linda para não podermos nada aos governantes! Mas o que tem graça é que eles, numa situação muito mais desafogada que a nossa, levam uma parte do ano a caminhar dos diversos ministerios, em constantes reclamações.

Dizem eles tambem que, quanto mais fome houver na classe, melhor! Grandes amigos que não temos, arranjado que até nos desejam a fome! Assim tem andado há um erro de anos nesta giga-joga em que tem desaparecido algumas centenas de contos. E para quê? Onde está o nosso progresso?

Daqui pergunto aos que ainda pretendem defender esses passatempos, onde está o resultado da nossa acção expendida neste longo periodo de tempo? Pois não é a nossa situação a mesma que em 1911 e 1912 ou pior? Basta de platonismos, estudemos a nossa situação e sem demora diligenciamos minorar um pouco o sofrimento a todos de que desde há séculos vivemos sendo vítimas.

Comaradas camponeses! Contra factos não há argumentos. Há 14, nada menos de 14 anos que nos vimos sacrificando em lutas inúteis, passando pelas espedas do país, tendo sido alguns deportados para a Africa, fora os que têm baqueado pela força publica e no fim de tanto barafestado são constantes vítimas sem proveito algum...

Meus amigos, há 14 anos que andamos nesta barafunda, olhamos para tras e não vimos nada feito, há portanto que mudar de tactico, pois assim não podemos viver, esperando que o povo todo se emancipe! São cantigas de erros pardo, com as quais se goza e não governa. Nem mais um minuto devemos esperar para melhorar o mais rapidamente possível a nossa situação.

Vida nova! Vida nova! Respeitemos as tendencias ideologicas uns dos outros e tratemos sinceramente dos nossos interesses de classe, formando todos em volta da mesma bandeira, tratando a plena luz do sol da nossa situação moral e económica, pois de contrario nada se consegue.

S. Mangos, 15 de Agosto de 1925.

Adriano JOSÉ NETO.

A miséria dos camponeses arabes

Em Algeria, os trabalhos do outono, isto é, as colheitas, começaram em maio. Nesta época, os arabes deixam das suas montanhas em procura de trabalho. Geralmente, chegam em grupos de 15 a 20, pobremente vestidos,

cobertos de farrapos e sujos. Alguns os seus braços pela impertinencia irritada de 2 fr. 50 (25000) por dia e comer.

E que comida! Uma bola de pão do cevada de 10 horas da manhã e o cusco negro-massa para sopa — preparada com a semente de trigo agro como caldo, agua quente. Dormindo nos campos, sobre a terra dura, sem cobertores, expostos a todas as intemperias.

O trabalho, é do nascer ao pôr do sol.

Não ha outro país, onde os camponeses sejam, assim, tão vergonhosamente explorados, cujos salarios estejam em tão grande desproporção com o custo da vida.

Como poderá esta gente ali conseguir para alimentar a manter suas famílias, pois, tudo quanto ganham é assim pouco para pagar os seus impostos? E' preciso gritar bem alto! Não somente os indigenas não podem adequar o retribuição necessario para as suas necessidades, como morrem literalmente de fome.

A sua falta de organização é a falta principal dos seus males.

E' do dever de todos os trabalhadores, e, principalmente dos camponeses de França, de ajudar os indigenas de modo que ganhem salarios convenientes e que sejam abolidas as leis viciadas que os impedem de organizar-se.

Em outros tempos não se via a mão livre arabe nos trabalhos do campo. Actualmente, transporta-se todos os dias, em camións, a 10 e 12 quilómetros, para as ocupar nos trabalhos de ceifas ou aos campos da cultura de algodão, ganhando 4 ou 5 francos por dia.

Nestes ultimos dois anos, constatou-se uma mudança em Algeria, é certo que daqui a pouco, a questão de organização será bem acollida pela parte dos trabalhadores do norte da Africa.

Madonf

A propósito da Conferencia Camponesa, efectuada no dia 9 do corrente, na magnifica sala do Sindicato dos nossos camaradas arsenalistas do exercito, para tratar de lei 1648 — aquela conferencia que fracassou com a vitória de ver aprovadas, pelo Senado, as proposições ali votadas e que se destinavam a modificar a lei de 4 de febreiro — escrevem-nos o nosso camarada Francisco Rodrigues Sucena, uma carta, por ser interessante, gostaríamos de a arquivarmos nas colunas do nosso jornal, algumas das suas passagens. Segue a carta:

Golegã, 9-8-25.

Prezado camarada Ferreira Quartel:

L'aboa.

Sensibilizou-me bastante o convite para assistir nesta tarde a uma reunião de camponeses, que se devia efectuar hoje, no Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, a cuja reunião me fui impossivelmente assistir devido as circunstancias agricolas, onde estou trabalhando. Muito grato agradeço a franqueza do vosso convite.

Aproveitando a ocasião de me dirigir ao camarada, quero ser hoje domingo, dia de descanso, quero ser um pouco extenso, o que faz a favor de me desculpou.

Sendo eu um pobre trabalhador rural, a quem se grandes e rudes jornadas de trabalho emburrecem e matam não me tem sido possível pensar o direito a instrução.

Por isto, a minha presença entre camaradas de Lisboa seria mais um protesto para me instruir do que para alguma coisa ensinar.

Nesta terra, essencialmente agricola, onde pouca gente se dedica aos problemas do futuro, não é muito possível a educação revolucionaria, no entanto, existem aqui belos elementos da classe camponesa que, aticados por uma propaganda intensa, dariam excelentes camadas.

Eu por mim, esta minha grande paixão pelos nobres ideais, nasceu dum dom intuitivo, aliás cada vez mais atrevida pela minha difícil situação económica. Tinha quinze anos já gostava de ler jornais como O Alentejo e a Vanguarda. Tinha dezasseis anos quando se implantou a Republica, e com eu na minha ingenuidade festejei com entusiasmo. Foram-se passando os anos e a minha esperança nesta Republica, fenecou. Ouvir falar em socialismo, consumismo e anarquismo, embora não conhecesse muito bem as doutrinas, agradavam-me. Só tinha pena não ler os jornais correspondentes a qualquer das tendencias, até que um dia resolvi escrever para a redacção de A Batalha pedindo informações sobre qualquer seminario de propaganda social; indicaram-me O Despertar e A Comuna, ficando sendo assimente desta ultima. Tenho seguido assiduamente a filosofia da doutrina anarquista, acho-a deslumbrante, mas inapplicavel a situação actual. E foi por esta razão, por julgar tal doutrina irrealizavel no periodo de ignorancia que atravessamos que me liguei ao Partido Comunista, crendo que só este partido, quando a luta o máximo cuidado em não deixar infiltrar maus elementos no seu seio, poderá fazer a emancipação dos trabalhadores. Chamam-me os anarquistas ingenuo por acreditar em tal,

Sem a preocupação do evidencialismo sob vemos nos por vezes envolvidos em assuntos de destaque, para os quais reconhecemos, quasi sempre, uma verdadeira incompetencia. O nosso grande amor é a causa que abraçamos e nos propozemos defender, levantamos a quebrar a modestia que, durante alguns anos, tem velado a nossa existencia de revolucionario.

Entramos como soldado disciplinado para a guarda avançada deste grande exercito desorganizado e a nossa unica preocupação tem sido, apenas, ajudar a organisação, e para o tornar apto a entrar no grande combate que se aproxima inevitavelmente.

Quando entramos para a organisação, tivemos a noção das responsabilidades que pesavam sobre o occupante de cada posto, e julgamos nos com condições suficientes para assumir aquilo que esperavamos ocupar — o de membro activo. Chistes encontramos-los e a por eles nos temos, conscientemente, deixado conduzir, por que para isto lhe reconhecemos a superioridade de competência.

Mas, o abandalamento de uns, a eberdadia moral de outros e ainda a falta de espirito de sacrificio e do abnegação de grande parte; e abandono em alta escala dos interesses da maioria da massa, deram, estes factores, origem a que fossemos elevados a categoria de chefe.

Isto dá-se no nosso partido mas, dá se tambem, infelizmente, em toda a organisação do proletariado, com raras excepções. Tambem se dá nas organisações do indigeno, se bem que em menor escala, mas com isso, se teremos a aproveitar.

Ora, nós desejariamos antes ser apenas simples militante, não por horror ás responsabilidades, mas porque reconhecemos em nós mais qualidades para executante do que para mentor.

Só os factos atrox expostos nos levaram a proceder como segue.

Dito isto que julgamos oportuno, vamos dizer aos poucos leitores que porventura nos leiam, alguns serão, deo certo, os que nos lerão que, nesta secção que agora se abre serão espalhadas a talho de foice as espigas de maquiadamento maduras da nossa sêra, para em seguida as debulharmos e proceder a seleção do respectivo grão. Não decorrer da ceifa termos, talvez muitas vezes, de lançar a nossa foice em seara alheia.

Devemos dizer que consideramos seara nossa todo o campo proletariano.

O Ceifeiro Revoltado.

R. S. (Primeira espiga). Ah! por 1918, um grupo de militantes operarios do nosso país, embragados com as vitórias da revolução russa, lembraram-se de lançar em Portugal as bases de uma organisação, que lhe pareceu semelhante à que levava o proletariado russo ao completo triunfo sobre a burguesia do seu país, a qual por sua vez, com o seu concurso, tinha já dado o golpe mortal na sua aristocracia.

Os nossos militantes operarios, educados todos nas teorias obscenas do anarquismo e do anarco-sindicalismo, desconheciam, quasi por completo, as teorias que tinham guiado os nossos camaradas russos, esquecendo o desconhecendo que, sem uma teoria revolucionaria da vanguarda, nenhum movimento avançado tem probabilidade de triunfos (palavras de Lénine).

Assim começaram por criar grupos de acção (conselhos maximalistas) sem criarem primeiro os grupos de educação teorica. Resultou disso o que não podia deixar de resultar: os grupos abrem ás cogas até que se desterram por completo. O mesmo que tem sucedido a uma imensidade de grupos anarquistas que temos conhecido e que se está succedendo à propria organisação sindical nacional.

Na organisação daqueles grupos não houve tambem a preocupação do seccionamento. Para eles entrava todo o s'icho carreta.

E, foi dos miasmas do cadaver desta organisação que saia o primeiro partido comunista português!

Do que se seguir se dará um resumo no proximo numero.

O. C. R.

e sincero porque estou longe das baratas, futuro autoritário da capital. Ingresso não sei se o será, mas sincero preceito de o ser, esteja eu com quem estiver.

Desculpe, camarada, esta minha impertinencia, se sou um pouco enfadado é pelo gosto que tenho, já que não nos conhecemos pessoalmente, que o camarada convenga um pouco o meu caracter moral. Sem outro assunto

Fraternas saudações Francisco RODRIGUES SUCENA.

— Oh meu caro amigo! Estão por cá hoje?!

— E' verdade! Tenho andado agora muito atropalhado com a vida!

— Então a que obedece tal facto?!

— Há já cinco meses que não trabalho!

— Nessas condições deves ter passado imensas dificuldades?!

— Se te parece! Pois que trabalhando sobre «Dusa» quantas possibilidades se passam, quanto mais não moldando as agulhas há já muito tempo!

— E' claro, que ainda fazes uso da tua profissão?!

— Então qual é a que heide usar, se a mim, só me ensinaram a fazer espato!?

— Isto não faz prova, porque a mim enocodem-me a m-sma coisa e hoje...

— E hoje...?

— Hoje tenho a felicidade de estar anilhado lá na Federação e, não sei se se conte...

— O quê, tu!

— Sim, eu, palavra de honra que nunca esperi apañhar uma posta destas!

— Mas que posta!

— Sim, duvidas?

— Eu não, porque estou a ver que, vocês lá dentro, fazem tudo o que querem e sobra-lhes tempo!

— Então não sohas justo?

— Se acho...!

— Mas parece que fazes uma cara tão feia!

— Olha, por muito feio que eu a faça, nunca é aquela que eu deveria fazer.

— Então porquê?

— Ainda perguntas porquê?!

Pois quê, não será logico que eu manifesto a minha extranheza, pois, enquanto vocês so baquetem com churros ordenados e viagens em primeira classe, nos continuamos a morrer de fome e em continuas crises de trabalho?!

Ah! Nisso não dizes tu nada, porque, tu sabes que na C. G. T., têm tratado desse melindroso assunto e portanto já vês que...

— Vejo, vejo, olá se vejo!

— E' ou não verdade?

— E' verdade, é verdade...

— Parece que duvidas!

— Não duvido, não duvido...

— Mas que diabo de cara é essa, parece que estás um pouco abalado?

— Só dizes: vejo, vejo, é verdade, é verdade, não duvido, não duvido! Que quer isso dizer?!

— Olha, para te falar com toda a franqueza, vou dizer-te o que vejo, o que é verdade e o que não duvido.

— Diz lá então?

— Olha, vejo que a organisação operaria — lá na Lua — morreu e quem a matou foram vocês!

— E' verdade que as massas morrem de fome e vocês não se ralam com isso, calam as oéas e o mais é uma histeria. Não duvido ter sido um bando de sapateiros (por que um bando de gafanhotos) que se apoderaram da Central Operaria, mas que apesar disso, as massas continuam desoladas!

— Mas que tem isso para o caso?!

— Para vocês não tem nada! Isso já não sabemos, e o que é certo, é que ganhe eu vinte e cinco ou trinta escedos por dia e as massas operarias que se liam com seis ou sete escedos, mas com uma condição: a de terem que pagar a sua cota Federal e Confederaral porque só assim, nós podemos garantir a vida da C. G. T. lá!

— Olha meu caro: sabe muito bem que isto não depende só de mim, mas sim, da opinião da maioria que lá está, e portanto...

— Portanto, segue-se que, os donos daquilo não vocês e... corram dias e chovam olhas.

— Pois meu amigo, sempre te vou dizer que nós não temos culpa nenhuma e nem tomamos a responsabilidade daquilo que por lá se passa.

— Então quem tem a culpa desta miseria?

— São vocês e mais ninguém!

— Tambem era o que faltava, «fizerem o mal e a carunhana!» Com que então nós é que temos a culpa disto?!

— Oh! que toco!

— Então porquê?!

— Porque vocês deram a sua adesão à I. S. V.

— Ah! sim. Pois preparem-se meus amigos, que nós agora vamos reunir todos, para cantar!

Quatrocentos espatoiros Se juntarem em companhia Com martelos e torqueros P'ra matarem uma A... ranha V. Vargo.

E. Machado (co-espatoiro)

A esquadra vermelha do Mar Báltico, começou nos ultimos dias de Junho o seu primeiro grande cruzeiro.

O objectivo era verificar os resultados dos estudos e dos exercicios do inverno ultimo, a aptidão e propagação das equipagens para as manobras e servicos no alto mar.

Quasi todas as forças da frota vermelha do Báltico, participaram neste cruzeiro. A esquadra saiz do Cronstadt composta de vasos de linha, de um cruzador, de seis torpedos de alto mar, oito submarinos e muitas embarcações auxiliares.

O cruzeiro durou oito dias.

A esquadra vermelha afastou-se mais de 1.500 leguas do seu porto de partida.

Ha 12 anos que a frota do Báltico não fazia destas viagens.

A guerra imperialista e os ataques ingleses contra Cronstadt em 1921 tinham indigido a frota arias perdas e importantes avarias.

A frota de que dispõe actualmente a União dos Sovietes foi reconstituída depois de 1921. Equipagens e comandos datam da revolução. As equipagens contiam 50 % de membros das juventudes comunistas.

A esquadra sofreu irrefutavelmente a sua prova. Saída de Cronstadt a 20 de Junho, ela flanqueia as costas da Finlandia, atravessava rotões de ilhas de uma navegação difficil, passa em frente de Helsingfors e Stockholm, diante do porto militar russo de Reval, diante das ilhas dinamarquezas, para tocar, enfim, as costas da Alemanha e ancorar a 22 de Junho, após 63 horas de navegação, na enseada de Kiel.

A esquadra vermelha foi inoportunamente o objecto da atenção surpreendente dos vasos de guerra encontrados. Jámais se havia visto, ainda, ao largo, semelhante força naval arvorando o pavilhão vermelho dos Sovietes e da Internacional operaria.

Na maior parte dos casos os vasos estrangeiros, nos saudaram segundo os usos. As suas equipagens manifestaram diversamente as suas simpatias. Ele houve portanto incidentes. Junto à ilha de Coland um transporte sucoo absteve-se de nos saudar. Os marinheiros repararam, com os seus olhos entusiasmados, o erro do capitão. Nós lhe respondemos ao som da Internacional.

Do porto de guerra de Karlskrona dois torpedeiros sucosos se lançaram ao nosso encontro e nos seguiram, para nos mais seguros, enquanto nós navegamos em aguas sucoas.

O incidente mais curioso foi sem duvida o nosso encontro com uma esquadra inglesa composta do cruzador ligeiro Cleopatra, do 4 torpedeiros e de muitas construções navais auxiliares.

Nós arvorámos o pavilhão do Comissario do Povo para a Guerra e Marinha, e camarada Frenck, o qual se encontrava presente a bordo do navio chefe. A esquadra inglesa arvorou o pavilhão dum chefe de Divisão. Confermo os usos internacionais, era a esquadra inglesa que nos devia saudar primeiro.

Os ingleses aproximaram-se a distancias usual e nós os vimos arvorar o pavilhão... holandês, que eles saudaram regulamentarmente com novos tiros de canhão. Eles fingiram hibiamente (!) de tomar nos por... holandeses. Ninguém ignora que a bandeira vermelha é difficil de distinguir pelo olho dum gentileman...

Por esta atuta diplomacia, os ingleses evitaram de ligar o pavilhão vermelho e de lhe render as honras. Activemo-nos do lhe responder. O gentileman se foram com a sua polidês... holandesa.

Na Dinamarca e em Kiel a acollimento foi correo. Alguns hidro-aviões não cessaram de voar por cima de nós. Os seus passageiros nos saudaram com simpatia.

A esquadra vermelha regressa sem incidentes após ter coberto mais de 3.000 leguas e visitado todas as regiões do Mar Báltico.

J. R. (Cronstadt)

Toda a correspondencia quer para o P. O. P. quer para o jornal deve ser dirigida a Manuel Ferreira Quartel, rua de Arco Manguez de Alegrete, 30-B, Lisboa.

...do trabalho das células
Deduções

Na maior parte das secções da I. C. a constituição pratica das células não começou senão depois do V Congresso. Contudo este período foi suficiente para que pudéssemos, orientando-nos sobre a experiência dos nossos mais importantes partidos comunistas da Europa Ocidental, tirar as deduções fundamentais do trabalho das células de empresas nos países capitalistas.

A primeira dedução e ao mesmo tempo a mais importante, foi a resposta a esta pergunta: de que natureza é a constituição das células em forma de organização numa transformação inconsciente?

Os resultados práticos de todos os nossos partidos permitiram-nos tirar conclusões absolutamente contrárias.

As células de empresas não são de maneira alguma, uma forma de organização materialmente transportada da Rússia e inadaptável às condições da Europa Ocidental. Também no Ocidente as células marcaram as suas excelentes condições como organização básica do partido a mais ligada às massas operárias, a mais habilitada a consultar o estado de espírito destas, a consultadora e orientadora das lutas do Partido Comunista.

a) Se bem que esse papel das células, seja reconhecido em princípio, em determinadas secções da I. C. e em algumas organizações destas unidades, manifesta-se ainda uma falta de confiança para com esta nova forma de organização, um receio de romper definitivamente com velhas formas e de passar às células de empresas.

Por estas razões, no mesmo tempo que se constata o reconhecimento da necessidade da transformação do Partido, nota-se por aqui e por ali, uma complacente tolerância para com a antiga organização, a tendência a coordenar e manter em conjunto os dois tipos de estrutura do partido ou pelo menos a frêner e reconstrução sobre a base da célula de empresa. Existe conservantismo, este apego às velhas formas de que ainda se não conseguiram desembaraçar condutas muito de vezes, e até mesmo as suas próprias passivas. E' preciso empenharem-se dedicadamente no pratico trabalho da reorganização dos partidos.

E' preciso ligar directamente as células ao Comité do partido correspondente, mas só depois da constituição das células, seja localmente, num rio, ou numa vila, é que se pode proceder à dissolução das antigas organizações territoriais.

3) Não se pode negar que fortes obstáculos se levantam no caminho da boa organização do trabalho das células de empresas. E' preciso citar em primeiro lugar o presente terror dos governos e do patronato, o desemprego que reina em numerosos países; a grande distância que geralmente afasta a fábrica do domicílio do operário, a dispersão dos comunistas pelas pequenas oficinas, etc. Em virtude destas dificuldades (robustado se não ha de parte dos órgãos dirigentes do partido um forte e constante incentivo) o operário comunista pode cair na passividade e na apatia, a respeito do trabalho das células e estar em passar da ordem estabelecida a nova ordem que exige alguns sacrificios.

Não pode o partido atalhar este estado de espírito, combatê-lo se ele se manifesta, senão reconhecendo a necessidade absoluta da reorganização; e se os organismos dirigentes conseguirem tornar a política do partido compreensível e acessível a todos os seus membros, que aproveitem o tempo, dirigindo-o então as suas forças, toda a sua atenção sobre o trabalho das células, sobre a elaboração de palavras de ordem justas, e que correspondam perfeitamente as necessidades da vida, explicando estas palavras de ordem aos membros do partido. Não pode o partido progredir se as células não assimilarem as ditas palavras de ordem e muito menos se pode esperar, um levantamento das grandes massas operárias por essas mesmas palavras se o motivo acima subsistir.

4) Em certas secções as células virgoraram a acção do partido e em França, na Itália e na Bulgária, conseguiram aproximar o partido das massas operárias extra-partidárias. Só esta condição por si própria provoca a actividade dos membros do partido. E' preciso aqui a forma de acção de células de empresas sentirem componentes indispensáveis do partido, participando em todos os seus actos e manifestações e na execução de todas as suas tarefas; para que tudo isto seja um facto é necessário que todos os organismos dirigentes, desde a base ao comité central, estejam de acordo em acção as células e todas as suas campanhas passem pela célula.

5) Desta maneira nunca se deve dar o caso dum organismo dirigente se decidir a pôr em pratica um ponto de vista importante para o partido, sem a clara aprovação, deixando as células de parte, a excepção das questões que exigem uma solução imediata. Dis tudo isto principalmente respeito as questões que a propria vida põe ante as massas operárias e pelas quais as células de empresas mantêm uma forte e natural interesse (por exemplo a questão da vida cara, da unidade sindical, das escandalosas questões burguesas, levantamento no exercito, etc.). Passarem em silencio sobre essas questões os comunistas é contra as suas próprias ideias na imprensa, sem pôr em acção as células e até a condensa-las à decência tribuando assim um caminho totalmente oposto à bolchevização.

6) Mesmo nas secções da I. C. onde as células de empresa estão já organizadas e onde de facto se representa a base da reorganização do partido não se vê em todo o país ou em algumas regiões, observa-se ainda uma insuficiência de vida politica nas células e não é isso devido a que elas não examinam todas as questões do partido, mas sim na má divisão dos trabalhos entre os

membros da célula e muito principalmente na forma insuficientemente clara como se põem as questões. Para que as células tenham vida politica é necessário que tenham uma nitida concepção das tarefas postas sum determinado período antes e depois e que observem os decisivos e vitais factores do momento. Depois de bem compreendidas dos fins que o partido pretende alcançar as células devem ter uma nitida ideia do trabalho que lhes está incumbido e apresentando por forma que fiquem concretamente de defendidas as varias missões a cumprir.

7) E' por isso que os organismos dirigentes do partido ao submeter as questões às células, devem velar porque elas sejam postas numa maneira justa e tendam em atenção o fim em vista. Para as células é preciso primeiramente lidar as questões mais acessíveis ao proletariado comunista, o que pode fazer-se perfeitamente, por exemplo, ao pôr as questões do leninismo e do trotskismo lembrando as, na sua época, perigosas tendências do partido (Roussier-Montate), etc. Para tocar realmente as massas operárias de todos os países levantar por exemplo questões como estas (plano Daw as deluza do ponto de vista do agravamento da situação do proletariado, luta contra o fascismo, etc.).

8) Tudo isto requer uma necessária emobilitação da esmagadora maioritaria, para retomar o trabalho das células, comparando sempre por uma criteriosa elaboração das palavras de ordem e das questões do partido de maneira a torna-las acessíveis às massas operárias; a tarefa de toda a esmagadora maioritaria em particular dos comités locais é de dar instruções para o trabalho das células, de preparar e elaborar os esboços que digam respeito as células da maneira que estas possam participar activamente na discussão das questões. Nesta ordem de ideias é preciso antes de mais nada, que se realicem reuniões de secretários das células, conferências especiais, onde os ditos secretários, os propagandistas e oradores recebam as instruções necessárias, e que se enviem às células cartas de informação, etc. Ao mesmo tempo a acção de Agitação e propaganda é toda a imprensa partidária, etc., nunca devem esquecer o papel das células de todos os elementos de informação.

9) E' particularmente conveniente que o comité local seja o trabalho da direcção da célula. E' preciso conseguir que a dita direcção disponha de uma forte influencia e que seja competente para dar as primeiras instruções sobre a maneira de executar tal tarefa, tal mandato confiado aos membros do partido em qualquer fabrica, e deve igualmente controlar o cumprimento desses mandatos. O comité local deve ver tambem a si a direcção da célula, a preparação e a execução do dia das assembleias da célula e se conta no seu seio com relatores pagas em caso negativo fazer comparecer de acordo com o comité local, relatores estranhos a célula mais competentes, sempre que a questão seja complexa. Finalmente é preciso que a direcção compreenda a importância da assembleia da célula e que portanto.

No caso da célula ser composta de membros revolucionariamente fracos não se pode é claro formar no seu seio uma reacção à cultura da sua missão e essas condições o comité local deve apagar e essas células camadas mais experimentadas, todos não trabalhando na empresa e que não têm respeito e que sejam capazes de orientar os camaradas dessa célula de maneira que contribuam para a boa marcha dos trabalhos. Esta medida é particularmente applicavel nos países onde os melhores e mais experientes camaradas são transferidos das fabricas. O agrupamento deve ser empregado, quando é possivel, para os militantes dirigentes (membros do comité central do grupo parlamentar).

O reforçamento da direcção da célula se tem em vista a sua constante para distribuir inteligentemente o trabalho entre todos os membros da célula, para confiar a cada um o trabalho para que sinta mais inclinação e capacidade e que mais rapidamente se familiarize com os operários da fabrica, o que dá em resultado, por estes meios, a acção da célula e a influencia se faça se vir em todas as acções da empresa; antes de mais nada deve criar e dirigir a acção do comité de empresa, dirigir a acção sindical, o trabalho nos ateliês no que se respeito às mulheres, nos jovens e aos operários estrangeiros (Ver sobre a divisão do trabalho das células, nas directrizes sobre a estrutura dos partidos adoptada pela conferência de organização, art. 3.º e 4.º da C. C. C.). Os camaradas franceses devem desenvolver, verificar e estudar cuidadosamente as ditas questões de trabalho, e pôr ao abrigo das ditas questões as células a fim de que as suas experiências possam ser uteis a outros países.

10) Uma das particularidades das nossas células é que toda a sua acção tem quasi sempre um caracter reservado, mas não é isto que aliás está certo pouco justificavel, tal como se vê pela repressão que os patrões e a policia dirigem contra elas; mas é preciso reconhecer que o isolamento da célula, dos operários que a ela não pertencem impediu a adesão de novos membros; é esse um dos desvios, o mais perigoso, pois por não ter desenvolvido o trabalho da célula e enriquecer a influencia do Partido Comunista sobre as massas operárias.

11) As questões que dizem respeito a vida na fabrica, devem, sem favor, estar sempre em primeiro lugar na ordem do dia das reuniões de células. Todavia nota-se que a tendência para as relegar a um segundo plano, tratando entao com primordial interesse questões puramente locais. Eis um dos erros criterios no trabalho das células e a missão do partido em tais casos é de ligar habilmente todas as questões locais com a politica geral do partido,

NA TERRIVEL BULGARIA

Uma estatística interessante

Para elucidação, especialmente das camaradas que tem o arrojado de dizer que preferem uma ditadura burguesa a uma ditadura de classe do proletariado, damos aqui a seguinte estatística oficial, que acaba de ser publicada em Sófia, dando o numero das victimas da guerra civil em 1924.

Nós, devemos dizer que as estatísticas oficiais fiam sempre abaixo da verdade; que a missão das estatísticas é tranquilizar a opinião publica, sobretudo a do estrangeiro, mais do que informar; e que emfim, ao ano de 1924 foi menos sangrento que os tres ultimos meses de repressão...

Table with 2 columns: Category and Number. Categories include Assassinated, Assassins, Suicides, Deaths from unknown causes, Disappeared, and Burned alive. Total: 1,840.

Mil oito oentos e quarenta vidas humanas e 3 em cementérios.

A COBRANÇA

Viamos a todos dentro em pouco para o correio a cobrança de O COMUNISTA, recomendando a todos os nossos leitores que deem ordem em casa a suas familias para se fazer o respectivo pagamento, favor que agradeçamos.

Tendo-se constatado que alguns filiales do P. C. P., ao contrario de todas as indicações dadas, tem abandonado os Sindicatos, a C. C. faz saber que uma tal attitude se oppo absolutamente aos decaloes dos congressos internacionais e que é portanto inadmissivel.

Em consequencia, aconselha a todos os seus filiales a reintegressarem nos sindicatos sob pena de procedimento que pode ir até à demissão do Partido.

BIBLIOTECA COMUNISTA

Volume publicados

- List of publications: Leites, O Comunista e os Camponeses, 1600. - Pelo correio, 1270. J Carlos Ruiz, O papel das Comunas e a Questão Agraria, 2500. - Pelo correio, 2630. O serão dos camponeses, 250. - Pelo correio, 260. A questão aldaral e o proximo congresso operario, 260. - Pelo correio, 270. Mara e Engels, Manifesto Comunista, 2650. - P elecorreio, 2650. Octavio Brandão, A Rússia Proletaria, 6400. - Pelo correio, 6450.

Pedição a Ferreira Godinho, rua do Aro Marques de Alegrete 80, 9.º

aproveitando-se para dum forma pratica de examinar os principios do partido, a sua condacta politica e a sua tatica.

Nas questões de maior ambito como por exemplo, as eleições municipais, legislativas e as eleições de deputados, etc., pelas quais indiscutivelmente se as células se devem interessar, o Partido comunista deve salientando o ponto de vista de principio da questão e servindo-se de ditas análises, por meio de trabalhos praticos, o espirito bolchevista dos membros das células.

12) No que diz respeito às células de ruas, os nossos partidos da Europa Ocidental tem a seu respeito criticado a totalmente divergentes; enquanto o P. C. F. se pronuncia contra a criação de células de ruas outros partidos (Italia, Tchecoslováquia, etc.) dão-lhe o seu voto approvativo.

Nesta questão é necessário ter em vista que a criação das células de ruas vivas não é uma coisa nova, pois que existiam filiales fora da organização só porque não podiam pertencer a células de empresas, ou a outros tipos de organizações que se tinham em casa efectuando-se ali, a organização por entre os membros do partido e os comunistas que trabalham longe da sua residência.

A experiencia é ainda deficiente para que sobre o assunto se passem desde já tirar conclusões. No entanto prova-se pelo menos que é preciso evitar uma irrelevante divisão das células de ruas e que é conveniente proporcionar experiências praticas, a acção das ditas células.

NOTAS DA QUINZENA

Os comunistas devem agir!

A exemplo do que os nossos camaradas comunistas estão fazendo noutros países, da Europa como da America, os comunistas portugueses devem, de futuro, iniciar a sua propaganda revolucionaria, não se preocupando com os ataques que lhes são movidos pelos anarquistas e outros revolucionarios sociais tendo sempre em mira atingir os objectivos da seu programa e os ensinamentos da Internacional Comunista. Se, ha os outros revolucionarios que não estão comnós e nos guerreiam; será isso motivo suficiente já para que nós comunistas, nos deixemos ficar quietos e apaticos? Então, dessa maneira não seria preciso ter-se criado em Portugal o Partido Comunista, nem tampouco seque inventar o seu nome.

O partido criou-se, existe de facto. E se existe porque não o levantamos se é esse o nosso dever? Ou teriam os comunistas errado quando organizaram o Partido ou, positivamente, estarão em erro, continuando dentro dessas agrupamentos revolucionarios? Estas perguntas fazem-se sem o mais leve intuito do ferir as boas intenções dos meus camaradas e muito menos querer julgar da muita ou pouca competência dos poucos ou muitos que deram o Partido Comunista Português ao qual estou ligado e me sinto orgulhoso por isso.

Onde quer chegar é ao seguinte. Que me digam, - quem de direito, - se o Partido deve ou não agir, ou limitar-se unicamente a Lisboa e a umas sete ou oito terras da provincia como até aqui se tem limitado, ou se deve ir mais longe e fazer propaganda de que a falta doutra coisa.

Estou convencido, que no dia em que esse punho de rapazes intelligentes que dirigem o Partido se disponham a a agir por todos os meios ao seu alcance, a acção intelligente e concluida dentro dos principios que desinteressadamente preconizam, um grande passo se terá dado e muito se fará em prol da Revolução.

Impôs-se a necessidade de irmos junto das camadas populares e das quais fazemos parte, para esclarecer os seus entendidos que existem ou que possam existir entre si, a nosso respeito epithalados pelos individuos que comungam noutras tendencias socialistas que de ha muito tempo a esta parte vem combatendo os comunistas por processos pouco habéis e nada outros, a ponto de pretendem que os trabalhadores lhes neguem a sua confiança e simpatia.

Isto faz-se todos os dias, a começar pela «A Batalha» o porta-voz da organização operaria portuguesa e por consequencia o órgão da C. G. T., central que obedece cegamente às ordens da A. T. T. com sede em Berlim e que é essencialmente anarquista, porquanto esta rotulada com a feição sindicalista-revolucionaria, e que se não cansa de todos os dias em extensos artigos excomungando a politica dos partidarios da I. S. V. e do P. C. de falsarios, de ambiciosos, de destructores e de inimigos do proletariado.

Não sei se os camaradas estão a compreender isto. Certamente já o compreendem porque a intelligencia não está só em mim.

Essas acusações não são proprias de homens que dizem professorias ideias ali e estruturadas, que se afirmam anarquistas convictos, pois que se o fossem seriam mais leais e tolerantes, não fazendo mais que o seu dever, porque a tolerancia é uma das belas virtudes do verdadeiro marxista. Era dentro da tolerancia maxima dos principios que eles deviam discutir, e porque não o fazem? Não o fazem porque não são anarquistas. As suas belas qualidades de «tolerantes» vilo até ao ponto de guerrear e insultar a tendencia moscovitica e os moscoviticos, no jornal que os trabalhadores sindicados muito honradamente sustentam com as suas cotizações, quando entre estes trabalhadores ha moscoviticos e berlinistas. Actuando os primeiros, defendem os segundos, e com de direito, se uns e outros são camaradas?

Diz-se que ha culpas tanto da parte dos «scritistas» como dos comunistas. Eu creio que as ha. Admitida tal hipotesis, como comunista não só de nome mas sim por convicção, e apto a discutir as razões dessa convicção, porquanto agora faço parte do

numero dos falsarios, dentro da tolerancia, sem ser aquela preconizada pelos infelizes anarquistas da C. G. T., aconselho todos os destructores (desculpam enojosamente) a dizer comunistas filiales e não filiales e de futuro adoptarem como sistema o desprezo como arma e como melhor applicação a dar aos ataques desleais e repelentes dos fenomenais homens da C. G. T., aqueles que não fenomenalmente compreendem a politica limitada e sãbia intelligencia de anarquistas, se é isto o que se pode chamar a homens que estão na alternativa de passar a super-homens nas ideias, na moral e na discussão. Um verdadeiro e incomparavel fenomenoso social!

Logo da entrada, sponte o exemplo dos camaradas comunistas das fronteiras e, descrever as deficiencias que se notam entre nós no respeitante a propaganda que considerando necessaria imperiosa atender a elas, por que eles tem um diario que todos os dias nos mostra fortemente. Como este é pago por todos os sindicatos aderentes e cobrado em sua mensalidade profissional, pago a minha conta semanalmente, contribuo tambem para a C. G. T. e a manutenção de «A Batalha», essa «Batalha» que batalha todas as dias a ponto de chamar cont todas as letras aos que não estão de acordo com a politica anarquista a facção que a C. G. T. adopta como sistema e que quer impôr aos outros como dogma, falsarios a quem o despertar de ambições pessimas leva a acomodarem-se em situações equivocadas, amarrando e amagando um pastado de afirmadas libertarias. Querem melhor? Vejam lá entao a dar diãh lros para um jornal que me insulta todos os dias e por cima ainda o compra por ser meu dever como operário sindicalizado, comprá-lo.

Nas minhas condições, quantos contra os quantos milhares de trabalhadores sindicados não o estão? E' interessante, não é? Reinaldo!

Infelizmente, não, destructores, temos apenas na imprensa um quinquenário, que só de quinze a quinze dias responde e a acordas dos artigos; já vêm que, por muito grande que o seu formato fosse, e a sempre precioso, em proporção de 5/1 da C. G. T.

Realmente, a C. G. T. é o Sol da calçada do Cembro, estendendo os seus raios luminosos sobre os satélites que giram em seu tórno. Dall brota a luz pura e profunda; mas o peor é se um dia o sol se apaga e a brilhação e o brilho real dos seus satélites se escurece a pergunta da luz que ha de dar aos satélites, que então se virão à brecha sem luz, sem sol... sem nada.

Alcaram a vantagem que existe nuns em atacar e noutros que somos nós a desvantagem e dificuldade de os defendermos.

Devemos continuar afirmando nos comunistas com as nos principios, como ontem nos mostrámos intrinsecos, austeros e fortes nas crenças que professamos, com sacrificio da propria vida. Eu gostaria que, adentro do Partido Comunista, com sacrificio da propria vida, continuássemos sendo os mesmos, danço tanto ou mais do que demos em prol da sua causa.

A todos os ataques, venham desde virem, de-se-lhes como resposta o desprezo. Desprezo, desprezo, não se esqueçam! E' sempre a melhor arma que se usa para vencer o adversario, por mais forte que seja.

Façamos propaganda!

Realizemos comícios e sessões, por toda a parte ao nosso alcance e onde for mais vivavel a propaganda. Façamos ver aos trabalhadores a razão porque somos hoje comunistas, assim como ontem lhes explicámos os motivos porque éramos anarquistas. Façamos lhes sentir que não somos falsarios, mas sim camaradas sinceros e dedicados que, ao serviço da Revolução Social, já andamos há bastantes anos a prôgar, e que inequivocamente continuaremos a prôgar, de futuro, mas não de forma como a C. G. T. briga deusas que mantêm entre a massa filiales irreconciliáveis mesmo para o ano 2000.

Lisboa, Agosto, 1925.

Manuel Ramos.

«O Comunista»,

redacção e administração

R. Aro Marques de Alegrete, 80, 2.º - LIS 10A